

# Alfabetização e Literatura Infantil: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural

Literacy and Children's Literature: The Contributions of Historical-Cultural Theory

Cleonice Marçal<sup>1</sup> e Tamara Cardoso André<sup>2</sup>

1. Graduação em Letras/Português e em Pedagogia (UNIOESTE/Campus Foz do Iguaçu). Pós-Graduada em Processo do Ensino-Aprendizagem da Literatura Luso-Brasileira e em Ensino-Aprendizagem em Educação Infantil e Anos Iniciais. Mestrado em Ensino e Doutoranda do Programa Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Campus Foz do Iguaçu). Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Foz do Iguaçu. <https://orcid.org/0000-0003-4746-2299>

2. Pedagoga. Professora efetiva Assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Campus Foz do Iguaçu). <https://orcid.org/0000-0002-0700-1896>  
*cleonicemarc0@gmail.com e tamaracardosoandrefoz@gmail.com*

## Palavras-chave

Alfabetização  
Literatura Infantil  
Teoria Histórico-Cultural

## Keywords

Children's Literature  
Historical-Cultural Theory  
Literacy

## Resumo:

Discute o ensino da leitura e da escrita a partir da Teoria Histórico-Cultural. Objetiva entender a apropriação do conceito da palavra pela criança, com relação aos significados presentes no discurso oral e escrito na alfabetização. Discute a influência do meio circundante da criança e sobre como as vivências interferem no desenvolvimento da escrita e da leitura. Utiliza como método o estudo bibliográfico e qualitativo com respaldo na teoria de Vigotski. Conclui que a alfabetização precisa estar atrelada às necessidades da criança e que a escrita precisa ser apresentada como instrumento de interação social e fruição estética.

## Abstract:

It discusses the teaching of reading and writing from the Historical-Cultural Theory. It aims to understand the appropriation of the concept of the word by the child, in relation to the meanings present in the oral discourse and written in literacy. It discusses the influence of the child's surrounding environment and on how experiences interfere in the development of writing and reading. It uses as method the bibliographic and qualitative study based on Vigotski's theory. It concludes that literacy needs to be tied to the needs of the child and that writing needs to be presented as an instrument of social interaction and aesthetic enjoyment.

Artigo recebido em: 13.04.2022.

Aprovado para publicação em: 25.04.2022.

## INTRODUÇÃO

A educação ocupa-se em organizar e disseminar o conhecimento elaborado pela humanidade ao longo da constituição da humanidade. A escola é o espaço formal de educação, que se dá pela escolarização do conhecimento em conteúdos a serem ensinados e aprendidos na relação entre professor e aluno.

Ao pensar no processo de ensino e a aprendizagem, se faz necessária a compreensão sobre o sujeito da linguagem. Políticas públicas viabilizam programas em prol da alfabetização, para que no máximo aos oito anos de idade as crianças dominem a leitura e a escrita, o que possibilitará o entendimento das demais áreas do conhecimento no decorrer do período escolar na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

No Brasil, a alfabetização no decorrer do século XX sofre sequelas advindas da prática tradicional e mecânica do ensino a partir da codificação e decodificação por meio de atividades de silabação, destituídas do

sentido. Pouco a pouco, são introduzidos pequenos textos de diversos gêneros, improvisando um ensino atrelado à composição estética da linguagem associada à cultura popular e universal fomentada por meio de folclore, poesia e contos.

A alfabetização perpassa por várias concepções e práticas de ensino, entre elas o emprego de cartilhas, atividades de cópia, repetição, leitura silenciosa e oral, ditado e construção de frases curtas com a sugestão da palavra pertencente a determinada família silábica.

A infância caracteriza-se por ser um período em que a criança descobre a si, o mundo que a cerca, o próprio corpo e a ação comunicativa. A criança sente necessidade de se fazer entender e de compreender a si e ao outro. A alfabetização amplia o conhecimento de mundo da criança. A justificativa deste estudo está na importância de Vigotski e da Teoria Histórico-Cultural para o processo de alfabetização. O objetivo é entender a apropriação do conceito da palavra pela criança com relação aos significados presentes no discurso oral e escrito.

## **METODOLOGIA**

O método empregado para a elaboração da pesquisa é de revisão bibliográfica e qualitativa referente à contribuição da Teoria Histórico-Cultural para a compreensão do desenvolvimento humano que ocorre na apropriação de conceitos e palavras pela criança. Foram consultados Vigotski. (1994; 2000); Leontiev (2004) e Luria (2001), como fontes primárias, e Mukhina (1995); Smolka (2003); André e Bufrem (2012), Belintane (2013) e Marçal (2016), como fontes secundárias. A discussão trata da influência do meio onde a criança está inserida e suas vivências sobre o desenvolvimento da escrita e da leitura.

## **RESULTADOS**

Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e Alexis Nikolaevich Leontiev (1904-1979) dedicaram-se ao estudo do desenvolvimento da criança por meio do método de investigação genético-experimental. Assim, puderam obter explicações sobre como a criança se apropria das habilidades de pensar, falar, ler, escrever, sentir e criar. Por meio da concepção materialista histórico-dialético de Marx e Engels, desenvolveram a Teoria Histórico-Cultural a partir do conceito de atividade, buscando respostas sobre a origem do pensamento e da linguagem.

A partir do método materialista histórico-dialético e da psicologia genético-experimental, os autores investigaram o desenvolvimento da escrita pela criança. Concluíram que a criança, assim como os povos primitivos, pode usar o desenho para representar ideias. Leontiev (2004) cita que Luria (2001) investigou o desenho, e deparou-se com a condição da criança que não frequenta a sala de aula, mas que, entretanto, esboça o desenho para representar uma ideia. Além disso, os gestos que a criança usa na comunicação também são meios de expressão próximos à escrita.

Sobre o desenvolvimento da linguagem, Vigotski (2000) destaca que ocorre uma passagem, que vai da atribuição externa de nomes a objetos, em direção à linguagem silenciosa, que ocorre quando a criança fala de si para si, assimilando o sentido da palavra e esboçando o próprio pensamento.

Vigotski observa que, “[...] Em certo momento, estas linhas – o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento do pensamento –, que há seguido diferentes caminhos parece que se encontram, se cruzam e é então quando se interceptam mutuamente” (VIGOTSKI, 2000, p. 172, tradução nossa, *apud* MARÇAL,

2016). Ou seja, em dado momento ocorre a união entre a linguagem e o pensamento, quando o pensamento se verbaliza na linguagem.

Ao evidenciar o entrelaçamento da linguagem em intelectual e o pensamento em verbal para designar o desenvolvimento da linguagem na conduta da criança, o autor cita Stern “[...] que a uma certa idade (entre o um ano e meio e os dois anos aproximadamente) na criança normal, o pensamento e a linguagem se encontram. (...) se produz uma virada depois do qual o desenvolvimento de um e outro segue uma linha totalmente nova [...]”, (VIGOTSKI, 2000, p. 173, tradução nossa). Isso ocorre quando a criança descobre que cada objeto possui nome e uma palavra correspondente. Em uma primeira fase do desenvolvimento, percebe-se o aumento do vocabulário. Em uma segunda fase, ocorre a manifestação de perguntas sobre o que são as coisas e quais seus nomes. Por fim, em uma terceira fase, a criança observa e escuta as pessoas no seu entorno, de modo a gradativamente ampliar o repertório vocabular.

Segundo o autor, as palavras não são meramente inventadas, mas sim estabelecidas convencionalmente: “[...] A linguagem surgiu de maneira natural, recorreu psicologicamente toda a linha de desenvolvimento do reflexo condicionado, [...]”, (VIGOTSKI, 2000, p. 176, tradução nossa). Inicialmente, na história da humanidade, as palavras eram atribuições a objetos e imagens concretas, passando gradativamente a designações mais abstratas. Às vezes, as novas palavras surgem por transferência de velhos significados a novos objetos. As crianças também não inventam os signos, mas os recebem por meio dos indivíduos em seu entorno, somente posteriormente descobrindo que signos possuem funções e adquirindo a consciência do objeto.

O significado da palavra estabelece o entendimento da sua generalização para designar conceitos e categorias, como a palavra doce, que pode ser empregada para se referir a bala, pirulito, jujuba, paçoca e bombom. No entanto, a criança primeiro pensa por imagens, o que é denominado de pensamento “eidético”.

Na contação ou leitura de histórias para crianças, o adulto favorece aos pequenos a experiência de conhecer outros espaços e realidades, a partir das descrições dos lugares e personagens presentes na narrativa. A contação ou a narração oral realizada pelo adulto, proporciona, à criança pequena, ampliação da imaginação e da criatividade, capacidade de generalização das palavras e entendimento da própria narrativa (MARÇAL, 2016).

Vigotski interessou-se pela literatura infantil para entender como esta pode auxiliar a criança no desenvolvimento de generalizações e na compreensão das emoções. A criança, no processo de apropriação da generalização da palavra e dos significados múltiplos, sofre a influência do meio circundante e da atividade operada. No caso da narrativa infantil, o modo como é apresentada à criança interfere na sua representação. A representação requer da criança a habilidade da generalização, para perceber o significado da palavra. No decorrer da narrativa, os personagens emitem ações, expressões e acontecimentos que exigem a compreensão da generalização da palavra pela criança. Em Leningrado, durante uma conferência realizada no ano de 1935, Vigotski debateu sobre a influência do meio no desenvolvimento físico e intelectual da criança. O método de Vigotski, para a investigação do meio, abrange o estudo da unidade que contém as propriedades características das partes elementares constituintes do todo do objeto investigado. O autor, para estudar uma totalidade, toma uma unidade a fim de investigar a relação entre a criança e seu meio. Portanto, é a unidade que ajuda a compreender o modo como o meio influencia a consciência, sendo que esta unidade é o entorno.

Segundo Vigotski, o “entorno” da criança é o meio em que está inserida. O entorno não permanece o mesmo durante o crescimento, pois as relações da criança com este meio se modificam. A cada idade a criança relaciona e interage de modos diferenciados, elaborando vários tipos de interpretações sobre o meio correspondente. A cada fase do seu desenvolvimento, a criança age e raciocina de formas diferenciadas. Estas

mudanças são operações de apropriação, pela criança, manifestadas no ambiente que a cerca. As mudanças são promovidas no ambiente motivadas por situações e acontecimentos, movidas pelo princípio da experimentação. O ato de experimentar é entendido como o mesmo que vivenciar apoderar-se e evoluir.

Um exemplo é que a forma como as pessoas se expressam em torno de uma criança pode ser absolutamente idêntica quando elas têm seis meses de idade; 18 meses ou quando ele tem três anos e médios; ou seja, o número de palavras que a criança ouve, as características da fala do ponto de vista de quão civilizado é o escopo do vocabulário; o uso correto e a gramática e a qualidade literária do estilo podem permanecer os mesmos; como um todo, experimentou em si mesmo qualquer mudança ao longo do desenvolvimento. Isso significa que só podemos explicar o papel do meio ambiente no desenvolvimento da criança quando conhecemos a relação que existe entre a criança e seu ambiente (VIGOTSKI, 1935/1994, p. 02, tradução nossa).

Desde o nascimento, a criança começa a se posicionar e entrar em contato com o ambiente que a cerca. As relações entre a criança pequena e o adulto são mediadas por objetos e ações provenientes do meio familiar, gradativamente se estendendo da casa, para a rua e o bairro. A partir das etapas de desenvolvimento psicológico (MUKHINA, 1995), a criança apropria-se das vivências proporcionadas na interação com o meio, ampliando o convívio em sociedade.

Belintane (2013) afirma que a constituição da linguagem pela criança se estende além dos diálogos familiares a partir do nascimento. A linguagem é constituída ao ser traspassada pela polifonia textual mediante relações da fala coloquial da criança com familiares, e por adultos e crianças que as rodeiam e que compõem o cotidiano infantil.

O meio circundante da criança não é o único fator do seu desenvolvimento. Faz-se necessário levar em consideração a situação externa enfrentada pela criança e a sua experiência emocional individual interior, extraídas da experimentação resultante de uma dada realidade exterior.

Vigotski (1994) dá o exemplo de três irmãos que enfrentam a realidade marcada pela presença de uma mãe alcoólatra. Cada um externa a situação de modo distinto. O filho pequeno exterioriza a experiência transitando entre o amor e o horror. O filho do meio apresenta um misto de compaixão e ódio. O filho mais velho demonstra ternura, por compreender a condição da mãe. Os três compartilham de uma mesma realidade, mas a experimentam e atuam de maneira diferente. Para cada idade e para cada criança ocorre a existência de diferentes atitudes, sentimentos e significados, “[...] uma criança aprende sobre, interpreta, (e) se relaciona emocionalmente com o evento. Trata-se de um prisma que determina o papel e a influência do meio ambiente no desenvolvimento” (VIGOTSKI, 1935/1994, p. 7, tradução nossa).

A experiência vivenciada em situações e acontecimentos diferenciados também apresenta características diferenciadas da personalidade da criança, que pode externar uma conduta de expansividade, timidez, alegria, altivez ou debilidade. Primeiro a criança percebe o acontecimento vivenciado no meio em que está, para, posteriormente, compreender o seu sentido e significado. “Isso significa que o desenvolvimento do pensamento em crianças como tal, o significado das palavras das crianças, é o que determina a nova relação que pode existir entre o ambiente e os diferentes processos de desenvolvimento” (VIGOTSKI, 1935/1994, p. 14, tradução nossa).

O autor esclarece que o meio circundante da criança, além de influenciar nas interações, abarca o resultado das etapas iniciais e finais do desenvolvimento. Por exemplo, ao aprender a falar, a criança balbucia, pronunciando palavras com dificuldade. O desenvolvimento da fala compartilha o mesmo meio do adulto que domina a gramática e a sintaxe.

Para Vigotski, o desenvolvimento da fala necessita de condições ideais. O meio precisa viabilizar fundamentalmente a interação. As crianças de pré-escola, ao desenvolverem a fala, podem apresentar um atraso devido ao fato de docentes terem a incumbência de dirigir a fala para todos os alunos ao mesmo tempo. Os alunos não interagem diretamente com outro interlocutor. Contudo, desenvolvem a autonomia e a disciplina, mas na fala uns com os outros interagem sem atingir um desenvolvimento satisfatório. Outras crianças da mesma idade podem começar cedo a falar com qualidade porque dispõem da fala dirigida somente para si, caracterizando a forma ideal de apropriação e aprendizagem.

Vigotski explica que as funções psicológicas superiores se desenvolvem por meio de atividades envolvendo ações coletivas e interações, as quais possibilitam a internalização dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade: “[...] o homem é um ser social, que sem interação social, nunca pode desenvolver nele nenhum dos atributos e características que se desenvolveram como resultado da evolução sistemática de toda a humanidade” (VIGOTSKI, 1994, p. 24, tradução nossa).

Toda pessoa possui a linguagem interior que surge da linguagem exterior. A criança usa a linguagem como instrumento de comunicação com o meio e as pessoas que a cerca, sendo uma função social. Ao aprender, a criança se apropria internamente, estabelecendo a relação da linguagem como um processo do pensamento. Ao falar externamente em voz alta, estabelece a comunicação com os outros e, quando usa a linguagem de modo interior, apresenta a manifestação do pensamento. Nesta perspectiva Vigotski (2000) investigou as funções psicológicas superiores, incluindo sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem (fala, leitura e escrita), imaginação/criatividade e emoções/sentimentos.

Com base na teoria de Vigotski, vários autores estudam a relação entre pensamento e linguagem. André e Bufrem (2012) enfatizam que a teoria de Vigotski possibilitou o estudo das funções psicológicas superiores, como a percepção, a memória lógica, a atenção seletiva, a imaginação criativa e a escrita. Segundo as autoras, a teoria histórico-cultural, formulada por Vigotski e seus colaboradores, postula a formação humana a partir do meio social e das interações entre os sujeitos. A teoria de Vigotski é materialista histórico-dialética, porque parte do pressuposto de que o trabalho possibilitou, historicamente, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Pela intervenção no meio, seres humanos transformam a natureza e, também, sofrem alterações sociais e culturais, apropriando-se e compondo a subjetividade.

A partir do legado da teoria histórico-cultural, vários autores defendem a literatura infantil como uma ferramenta para a apropriação e a compreensão da linguagem oral e da aprendizagem da leitura e da escrita.

Smolka (2003) estudou as relações estabelecidas entre pensamento, fala e escrita. Mello (2005), colaborou no estudo sobre as diferentes linguagens e importância da prática de atividades lúdicas na Educação Infantil.

Saraiva (2011) defende que deve ser promovido, no processo de alfabetização, a ludicidade, possibilitando a prática da oralidade, da dramaturgia, do brincar cantado, da construção de personagens e brincadeiras com palavras.

Belintane (2013), a incorporação de textos literários e de função poética estimula a criança no processo da alfabetização desde a Educação Infantil até atingir, no caso, os ciclos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos, o que possibilita à formação do leitor da linguagem escrita que domina na oralidade a competência de escrita da linguagem.

Vigotski investigou o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização da criança observando a origem do pensamento e da linguagem, contribuindo, assim, para a prática pedagógica na Educação

Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Um dos aspectos da teoria histórico-cultural é a vinculação entre desenvolvimento e necessidades, amplamente desenvolvida por Leontiev.

O nascimento da linguagem só pode ser compreendido em relação com a necessidade, nascida do trabalho, que os homens sentem de dizer alguma coisa. Como se formam a palavra e a linguagem? No trabalho os homens entram forçosamente em relação, em comunicação uns com os outros. Originariamente, as suas ações, o trabalho propriamente, e a sua comunicação formam um processo único. Agindo sobre a natureza, os movimentos de trabalho dos homens agem igualmente sobre os outros participantes na produção. Isto significa que as ações do homem têm nestas condições uma dupla função: uma função imediatamente produtiva e uma função de ação sobre os outros homens, uma função de comunicação (LEONTIEV, 2004, p. 92, Apud MARÇAL, 2016).

Segundo Leontiev, o desenvolvimento do psiquismo, ao longo da história da humanidade, articulou-se à problemática vital da satisfação de necessidades, fazendo com que se estabelecesse o relacionamento com a natureza por meio da atividade do trabalho, de forma coletiva, em certas condições históricas. O ser humano, para satisfazer suas necessidades, modifica, ao mesmo tempo, o próprio meio e a si. As modificações foram propiciadas devido à construção de instrumentos e maneiras diversas de usá-los. A atividade do trabalho possibilitou a elaboração da linguagem para estabelecer a comunicação. As atividades sempre são exercidas estimuladas por motivos, coletivos. O sentido das atividades é atribuído pelos motivos, engendrando significados particulares e coletivos.

A escrita é uma atividade necessária à humanidade, razão pela qual sempre deve ser exercida com sentido. Nesta perspectiva, a teoria de Vigorski permite criticar o ensino da escrita e da leitura que privilegia a aprendizagem mecânica sem significado e desconstituída de função cultural. O ensino mecânico da escrita não valoriza os aspectos das funções psicológicas superiores, como percepção, memória e imaginação criativa. Segundo Vigotski (2000), a criança precisa sentir o desejo de aprender a ler e a escrever. Na história social, a escrita foi desenvolvida para atender a necessidades advindas do trabalho. Os parentes genéticos do desenvolvimento da escrita pela criança, segundo Vigotski (2000), são o gesto, o desenho e o jogo. Por esta razão, o desenvolvimento da escrita do indivíduo se antecipa à educação formal escolar. Na educação infantil faz-se necessário a valorização do desenho e dos jogos infantis englobando dramatizações e interações diversas. A criança precisa ser incentivada a ter vontade de aprender a ler e a escrever, e, para isso, as interações envolvendo leitura e escrita precisam ser repletas de sentido.

Para isso, é preciso estabelecer a harmonia entre o ensino e a aprendizagem que empreguem ludicidade com atividades que envolvam a escrita enquanto necessidade concreta, em situações reais de uso, como, escrever cartas, por exemplo.

A criança, durante o processo de assimilação da escrita e da leitura, precisa entender o significado e o sentido da linguagem. Por isto, a habilidade de generalização das palavras é imprescindível para a compreensão da situação vivenciada no cotidiano, o que se desenvolve por meio de atividades significativas envolvendo leitura e escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oportunizar às crianças o desenvolvimento da leitura e da escrita requer o emprego de jogos, brincadeiras e atividades artísticas, bem como a exploração da leitura e da escrita em situações reais de uso. Incorporar, no meio social da criança em processo de alfabetização, a apreciação estética literária e as práticas soci-

ais de leitura e escrita, materializam no cotidiano a compreensão de significados e generalizações de conceitos.

Para que o entorno possibilite atividades sociais envolvendo a escrita como necessidade, pode-se propor leitura e escrita de cartas, bilhetes, receitas culinárias, textos informativos e explicativos, cartazes, dentre outros textos que ampliam as interações humanas e são instrumentos de trabalho. Para que o entorno possibilite a escrita como atividade estética pode-se oportunizar o contato com textos literários diversos e jogos de palavras. O faz de conta do universo literário infantil aflora a imaginação das crianças, levando-as a sentirem necessidade de decodificarem as letras. Letras e palavras, ao serem lidas, precisam ganhar vida e serem compreendidas, sentidas, interpretadas e vividas no ambiente cultural e social da criança. A escrita precisa tanto ser apresentada como instrumento prático para atividades sociais de trabalho e interação, quanto como possibilitadora da fruição estética.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Tamara Cardoso; BUFREM, Leilah Santiago. O conceito da escrita segundo a teoria histórico-cultural e a alfabetização de crianças no Primeiro Ano do Ensino Fundamental. **ETD – Educ. Dig.**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 22-42, jan./jun. 2012 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/320210218\\_O\\_conceito\\_de\\_escrita\\_segundo\\_a\\_teorica\\_historico\\_cultural\\_e\\_a\\_alfabetizacao\\_de\\_crianças\\_no\\_primeiro\\_ano\\_do\\_ensino\\_fundamental](https://www.researchgate.net/publication/320210218_O_conceito_de_escrita_segundo_a_teorica_historico_cultural_e_a_alfabetizacao_de_crianças_no_primeiro_ano_do_ensino_fundamental)>. Acesso em: 05 out. 2021.
- BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e Alfabetização: uma nova abordagem de alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2013.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Publicado em 1959.
- LURIA, Alexander R. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.
- MARÇAL, Cleonice. **As emoções e sentimentos na literatura infantil: perspectiva vigotskiana**. 2016. 170f. Dissertação mestrado (Programa de pós-graduação stricto sensu em ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: <[http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2946/5/Cleonice\\_Marcal\\_2017.pdf](http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2946/5/Cleonice_Marcal_2017.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2018.
- MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.). **Palavras, brinquedos e brincadeiras: cultura oral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- SMOLKA, Ana Luísa Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003. 135p.
- VIGOTSKI, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Trad. José María Bravo. In: \_\_\_\_\_. Obras Escogidas III. Madrid, Espanha: Visor, 2000. p. 07 – 82 (Original escrito em 1931/publicado em 1960).
- \_\_\_\_\_. **El problema del entorno**. The problem of environment the Vygotsky. Readers, 1994 (Tradução – Universidade de Havana - (Cuba). (Original publicado em 1935).

